

Michel Foucault e o dilaceramento do autor



SALMA TANNUS MUCHAIL

Resumo

Se a função-autor é não somente recebida, mas modificável, Foucault a “retoma por sua conta” e “a modifica”. Se lembrarmos que a função-autor é uma particularização da função-sujeito, é estrategicamente instrutivo que o título-autor recubra um texto cujo desenvolvimento trata da questão do sujeito. Ao mesmo tempo que, sob o título, o texto permite um desdobramento do próprio título, também permite, sob a assinatura, um desdobramento do autor que a si próprio se coloca numa espécie de zona limítrofe em que ele é e pode não ser igual a si mesmo.

Palavras-chave: Foucault; autor; posições; sujeito; discursividade.

Abstract

If the function-author it is not only received, but also can be modified, Foucault will take it upon himself to modify it. If we remember that the function-author is a particularization of the function-subject, it is strategically instructive that the title-

author covers again a text which development treats of the subject's subject. At the same time that, under the title, the text allows an unfolding of the own title, it also allows, under the signature, an unfolding of the author that puts himself in a type of border line area in which he is and cannot be equal to himself.

Key words: Foucault; author; positions; subject; speech.

Para este livro já velho, eu deveria escrever um novo prefácio. Confesso que isto me repugna (...). Quereria que um livro, pelo menos do lado daquele que o escreveu, nada mais fosse que as frases de que é feito; e que não se desdobrasse neste primeiro simulacro dele mesmo, que é um prefácio (...).

— Mas você acabou de fazer um prefácio.

— Pelo menos é curto.

M. Foucault, Prefácio à nova edição de *Histoire de la Folie*.

Tão paradoxal como escrever um prefácio escrevendo sobre a relutância em escrevê-lo é querer preservar a obscuridade do anonimato falando dele, expondo-o às luzes do seu próprio discurso.

São conhecidas as considerações de Foucault sobre o apagamento do autor. Mas o paradoxo parece instalar-se quando ele traz para o centro da cena aquilo que precisamente desejaria fora dela, a saber, a atribuição de autoria aos seus próprios discursos. É esse paradoxo que está já presente na célebre formulação que Foucault tomou emprestado a Beckett: “Que importa quem fala; alguém disse: que importa quem fala”.¹ Considerando que o primeiro segmento dessa formulação (“*que importa quem fala*”) diz respeito a qualquer autor, e que o segundo (“*alguém disse: que importa quem fala*”) concerne ao autor dessa fala, se perguntarmos então quem disse “*que importa quem fala*”, a resposta será *quem é alguém*, isto é, “*que importa*”, perfazendo uma dobra circular do discurso sobre si mesmo.

Porém, mais que paradoxo, talvez haja nessa dobra um jogo de estratégia. Com efeito, o gesto que aponta para o desejo pessoal de impessoalidade no

1. Cf. FOUCAULT, M. (1994), “Qu’est-ce qu’un auteur?”. In: *Dits et écrits*, Paris, Gallimard, vol. I, p. 792. (“O que é um autor?”, trad. Antônio F. Cascais e Edmundo Cordeiro, Vega, 1992, p. 34). Ver também: Idem, (1994), “Réponse à une question”. In: *Dits et écrits*, op. cit., vol. I, p. 695 (“Resposta a uma questão”. In: *Epistemologia* / 28, trad. M. da Glória Ribeiro da Silva, Rio de Janeiro, jan/mar-1972, p. 81).

seu posto de autor não faz dele necessariamente um privilégio; talvez apenas o dilua, indiferenciadamente, como um caso, entre outros, digamos assim, dentro de uma concepção teórica sobre a categoria do autor, qualquer autor, ele inclusive.

Para apresentar aqui algumas considerações sobre esse assunto, farei uso de passagens extraídas de três textos: “O que é um autor?” (1969), “A ordem do discurso” (1970) e “Foucault” (1984). Com os dois primeiros, escritos na mesma época, formo um pequeno conjunto e, como num jogo, não bem de palavras, mas de “textos cruzados”, imagino-os como que estendidos na “horizontal”; o terceiro, produzido bem depois deles, é o texto “vertical”, com que os pretendo cruzar.²

Do primeiro texto — “O que é um autor?” (1969) — levanto três pontos.

I. *Autor e nome próprio*

Ainda que o “nome de autor” seja um “nome próprio” e com ele mantenha semelhanças, guarda, porém, uma “singularidade paradoxal”.³ Só para sugerir um exemplo, é diferente, e di-

2. FOUCAULT, M. (1994), “Qu’est-ce qu’un auteur?”. In: *Dits et écrits*, op. cit., vol. I, pp. 789-821. Idem, (1971), *L’ordre du discours*, Paris, Gallimard (*A ordem do discurso*, trad. Laura Fraga de A. Sampaio, São Paulo, Ed. Loyola, 1996). Idem (1994), “Foucault”. In: *Dits et écrits*, Vol. IV, pp. 631-636.

3. Idem, (1994), “Qu’est-ce qu’un auteur?”. In: *Dits et écrits*, op. cit. vol. I, p. 797. (trad., p. 44).

ferentes são as conseqüências, dizer que um nome foi erroneamente atribuído a uma pessoa e dizer que o nome Guimarães Rosa foi erroneamente atribuído ao autor de *Sagarana*. O nome de autor está atrelado não propriamente a um indivíduo real e exterior que proferiu um discurso, mas a um certo tipo de discursos com estatuto específico, isto é, aqueles cujo modo de ser, numa determinada cultura, torna-os providos de uma atribuição de autoria. Assim, a noção de autor de que aqui se trata, menos que um nome próprio, é uma *função*

característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade.⁴

II. Função-autor

Restringindo a função-autor ao âmbito de livros e textos, pode-se nela reconhecer certas características, duas das quais escolho destacar.⁵ Por um

lado, a função-autor não resulta simplesmente da espontânea “atribuição de um discurso a um indivíduo”, mas “de uma operação complexa” que tem por efeito um “ser de razão”,⁶ portanto construído, e segundo determinadas regras (por exemplo, o autor é definido “como um certo nível constante de valor”; “como um certo campo de coerência conceptual ou teórica”; “como unidade estilística”; “como momento histórico definido e ponto de encontro de um certo número de acontecimentos”).⁷ Por outro lado, e complementarmente, não apenas efeito de uma construção, o autor é também sinalizado e definido pelos próprios textos que, por sua vez, podem remeter, não a um indivíduo singular, mas a uma “pluralidade de egos” ou a “várias posições-sujeitos” (por exemplo, uma é a posição-sujeito do autor que fala em um prefácio, outra a do que argumenta no corpo de um livro, outra, ainda, a que avalia a recepção da obra publicada ou a esclarece).⁸

III. Autor e sujeito

A análise da função-autor conduz, entre outras conseqüências, a um reexame da noção de *sujeito*. Sem dúvida, considerar um texto do ponto de vista da “análise interna e arquitetônica” já é colocar em questão “o caráter absoluto e o papel fundador do

4. Ibid., p. 798 (trad. p. 46). A relação entre autor e nome próprio é também tratada por Foucault quando discute o conceito de “obra” como unidade discursiva. Ver, por exemplo, o texto de 1968, “Réponse au Cercle d’epistémologie” bem como o item “Les unités du discours” de *L’archéologie du savoir*, 1969.

5. As duas outras que Foucault indica estão assim resumidas: “a função-autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização” – *Dits et écrits*, op. cit., p. 803 (trad. p. 56).

6. Ibid., pp. 800-801 (trad. p. 50).

7. Ibid., pp. 801-802 (trad. pp. 52-53).

8. Ibid., pp. 802-803 (trad. pp. 54-57).

sujeito”.⁹ Ora, reexaminar a noção de sujeito não significa restaurar a pergunta pelo sujeito originário, mas invertê-la: considerando-se a função-autor como uma particularização possível da função-sujeito, tratar-se-á de perguntar não pelo sujeito constituinte, mas pela sua constituição enquanto *função* do discurso.

O segundo texto — *A ordem do discurso* (1970) — dá à noção de autor um tratamento, por assim dizer, mais “negativo”. O assunto ocupa um breve trecho,¹⁰ inserido na sequência de descrição dos diversos procedimentos de *rarefação* ou *controle* dos discursos. Circunscrito como um deles, a categoria do autor pertence ao grupo de procedimentos classificados como *internos*, cujo papel consiste em reduzir, nos discursos, o que eles têm de *acaso*, de *acontecimento*, de *ficção*.¹¹

Deste texto, limito-me a reproduzir três passagens, conferindo-lhes pequenos títulos.

1. Autor, função de controle

Trata-se do autor. O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante

9. Ibid. , p. 810 (trad. p. 69).

10. Idem, *L'ordre du discours*, op. cit., pp. 28-31 (trad. p. 26-29) .

11. Os procedimentos ditos *externos* ou de exclusão — “proibição” de certos discursos, “segregação” de outros, imposição da “vontade de verdade” — foram apresentados anteriormente. Dentre os chamados *internos*, a descrição do “autor” é precedida pela do “comentário” e seguida pela da repartição em “disciplinas”.

que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência.¹²

2. Autor, função recebida

Seria absurdo negar, é claro, a existência do indivíduo que escreve e inventa. Mas penso que — ao menos desde uma certa época — o indivíduo que se põe a escrever um texto no horizonte do qual paira uma obra possível retoma por sua conta a função do autor [...] ¹³

3. Autor, função modificável

[...] função do autor, tal como a recebe de sua época ou tal como ele, por sua vez, a modifica. Pois embora possa modificar a imagem tradicional que se faz de um autor, será a partir de uma nova posição de autor que recortará [...] o perfil ainda trêmulo de sua obra.¹⁴

Finalmente, considero o terceiro texto, publicado quatorze a quinze anos após os outros. Dele retraço algumas linhas que permitam possíveis cruzamentos com os destaques dos textos anteriores.

O título e a destinação

O texto intitula-se “Foucault” e destinou-se a compor um verbete para

12. Ibid. , p. 28 (trad. p. 26).

13. Ibid. , p. 30 (trad. pp. 28-29).

14. Ibid. , p. 31 (trad. p. 29).

um *Dicionário de filósofos*.¹⁵ Ora, é no mínimo curioso que esteja instalado em um dicionário de “autores” um pensador que se tenha empenhado em denunciar a função restritiva do autor. Mais, que seus trabalhos sejam identificados mediante um título que é nada menos que seu “nome próprio”.

Entretanto, a estranheza se atenua quando se examina o teor do verbete.

Reconstituição de um projeto e constituição do sujeito

Sob o nome-título nada se lê acerca do autor. Antes, o texto é, por inteiro, uma reconstituição dos seus trabalhos reunidos a partir do ponto de vista de um “projeto geral”¹⁶ que os teria presidido. Ora, esse projeto que, de um modo ou de outro, teria orientado a produção dos escritos foucaultianos é descrito, por sua vez, como precisamente assentado na questão da constituição do sujeito. Para mostrá-lo, apresento um breve resumo do trecho inicial.

Lê-se que a produção de Foucault pode ser denominada “*História crítica do pensamento*”,¹⁷ na medida em que realiza análises (históricas) das condições de possibilidade para a construção de

saberes. Essas condições dizem respeito, basicamente, a dois procedimentos que interdependem: a “subjetivação” do sujeito, entendida como o estabelecimento das condições segundo as quais, em uma determinada sociedade, em uma determinada época, um sujeito pode ser legitimado como “sujeito do conhecimento”; a “objetivação” do objeto, entendida como o estabelecimento das condições segundo as quais, em uma determinada sociedade, em uma determinada época, alguma coisa pode ser qualificada como objeto para um conhecimento possível. Lê-se, a seguir, que a investigação de Foucault ocupa-se, não com quaisquer modalidades de “subjetivação” e de “objetivação” para a construção de quaisquer saberes possíveis, mas com aqueles, precisamente, em que o próprio *sujeito* é colocado como *objeto* de conhecimento.

Apresentado como uma espécie de fio condutor dos escritos de Foucault, o ponto de vista da “constituição do sujeito” permite, inclusive, dar-lhes um novo desenho, dispondo-os em um modo novo de repartição. Com efeito, estudos sobre o percurso da produção foucaultiana fornecem algumas formas de agrupar seus escritos.

- A mais conhecida reúne-os segundo os momentos “metodológicos”, coincidindo com sua sucessão cronológica: arqueologia (*História da loucura, O nascimento da clínica, As palavras e as coisas, A arqueologia do saber*); genealogia (*Vigiar e punir, A vontade de saber — vol.1 de História da*

15. HUISMAN, Denis, (1984), *Dictionnaire des philosophes*, Paris, PUF, pp. 942-944 (republicado no vol. IV de *Dits et écrits*); BRANDÃO, E., BENEDETTI, I. C. e GALVÃO, M. E. (2001), *Dicionário dos filósofos*. Trad. C. Bulinar, São Paulo, Martins Fontes, pp. 388-391.

17. *Ibid.*, p. 631.

16. FOUCAULT, M., (1994), *Dits et écrits*, op. cit., p. 633.

sexualidade); vertente ética (*O uso dos prazeres, O cuidado de si*— vols. 2-3 de *História da sexualidade*). Organização semelhante já foi também formulada em termos de prioridade de “áreas”: epistemológica, política, ética.

- Outro modo de organizar tem por critério a “transitividade” ou “intransitividade” da dimensão discursiva às práticas extradiscursivas (por exemplo, enquanto *As palavras e as coisas* se classifica no nível discursivo estrito, *História da loucura* e *Vigiar e punir* misturam-no ao das práticas sociais). Organização semelhante tem por critério, como uma espécie de pano de fundo, a questão do “Mesmo” e do “Outro” (por exemplo, *História da loucura* é uma história do “Outro” e *As Palavras e as coisas* é uma história do “Mesmo”).

Ora, o “projeto geral” proposto justifica agora uma nova organização dos escritos de Foucault, que não se opõe necessariamente às anteriores, mas as amplia ou mesmo as recobre. Trata-se de redistribuí-los —retrospectivamente, é claro— em três conjuntos, de acordo com diferentes modos de operar a análise da constituição do sujeito enquanto objeto de conhecimento:

- análise da constituição do sujeito enquanto objeto de conhecimento com pretensão a estatuto científico (isto é, enquanto objeto das chamadas ciências humanas), e temos, aqui, *As palavras e as coisas*;

- análise da constituição do sujeito enquanto objeto do conhecimento como “o outro lado de uma divisão normativa”¹⁸ (isto é, como o louco, o doente, o delinqüente), e temos *História da loucura, O Nascimento da clínica, Vigiar e punir*;
- análise da “constituição do sujeito como objeto para ele mesmo”,¹⁹ e temos os volumes de *História da sexualidade*.

Com essas observações, o que interessa é fazer notar que, malgrado o título, não é do “autor” que o texto fala, mas da sua produção discursiva, a qual é conduzida pela temática da “constituição do sujeito”, a tal ponto que permite, inclusive, um rearranjo do conjunto de escritos.

A assinatura e o paradoxo

Atenuada, a estranheza porém ressurge e, com ela, faz ressurgir o paradoxo sugerido anteriormente. É quando se atenta para o fato de que o texto do verbete, inicialmente solicitado a François Ewald, então assistente de Michel Foucault, foi redigido e vem assinado por um certo Maurice Florence ou, abreviando, se se quiser, *M. F.* Ora, quem desenvolveu aquela concepção teórica sobre a categoria do autor e nela pretendeu diluir o seu próprio apagamento parece agora revestir-se de um disfarce que, ao contrário, o expõe à plena luz.

18. *Ibid.*, p. 633.

19. *Ibid.*, p. 633.

Entretanto, suspeita-se aqui, mais uma vez, de que tudo seja ainda um prosseguimento daquele jogo estratégico onde *quem* ainda é apenas *alguém*. Suspeita-se que, se a função-autor é não somente recebida, mas modificável, Foucault a “retoma por sua conta” e “a modifica”. E dessa suspeita há pelo menos dois indícios. Primeiro, se lembrarmos que a função-autor é uma particularização da função-sujeito, é estrategicamente instrutivo que o título-autor recubra um texto cujo desenvolvimento trata da questão do sujeito. Segundo, é possível que, em contrapartida a uma abordagem mais “negativa” (como em *A ordem do discurso*) da função-autor, esse texto realize, na sua materialidade, a positiva explicitação de uma pluralidade possível de “posições-sujeitos”.

Em suma e para concluir, ao mesmo tempo que, sob o título, o texto permite um desdobramento do próprio título, também permite, sob a assinatura, um desdobramento do autor que a si próprio se coloca numa espécie de zona limítrofe em que ele é e pode não ser igual a si mesmo.

Recebido em 17/8/2002
Aprovado em 30/10/2002

Salma Tannus Muchail, professora do departamento de Filosofia da PUC-SP.
E-mail: salma@pucsp.br